

O design e a produção artesanal na pós-modernidade.

Design and artisanship production at post-modern era.

Freitas, Ana Luiza Cerqueira; M.Sc; Universidade do Estado de Minas Gerais
analucf@terra.com.br

Costa, Andreia; B.el; Centro Universitário UNA
andreia@imagodesign.com.br

Menezes, Marlette A. R.; B.el; Hexagon Design Ltda.
marlette@hexagon.com.br

Resumo

A crescente valorização do produto artesanal, como possibilidade de atender a uma necessidade de definir fronteiras de identidades e estabelecer padrões que caracterizam cada território é uma evidência do mercado. É preciso acreditar em uma forma de organização social, onde o valor do indivíduo predomine, onde a identidade se particularize na experiência do ser humano no movimento da cultura, e o design capaz de unir a demanda da arte ao mercado.

Palavras Chave: design; artesanato; educação.

Abstract

An evident growth in market value for the artisan products is bringing up the need for a better understanding of identity frontiers and also a better definition of standards and patterns that are peculiar to each territory. It is necessary to believe in a social organization format where the individual value is predominant, with their identity mirroring their human cultural experiences and where the design field is capable of bonding art demand to its market.

Keywords: design; workmanship; education.

Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design

8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7

©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

Reprodução permitida, para uso sem fins comerciais, desde que seja citada a fonte.

Este documento foi publicado exatamente como fornecido pelo(s) autor(es), o(s) qual(is) se responsabiliza(m) pela totalidade de seu conteúdo.

Cenário e Globalização

A sociedade atual caracteriza-se sobretudo pela aceleração dos processos de produção e comunicação e pela disseminação da informação. A globalização afeta todas as áreas da sociedade, causando mudanças, rápidas e constantes, nos padrões de comportamento, produção e consumo. As culturas, os modos de vida e as idéias de grupos distintos, transitam por vários lugares, provocando deslocamentos, sobrepondo identidades e culturas diferentes de sua origem, e, como observa Hall (2006), ocasionando a fragmentação do indivíduo.

A crescente valorização da cultura como possibilidade de atender a uma necessidade de redefinir fronteiras de identidades e estabelecer padrões que caracterizam cada território, abre espaço para a memória e a técnica dos ofícios e sinaliza a necessidade de uma visão antropológica e um caminho novo para o design. Neste cenário, a atual ascendência do produto artesanal como detentor de valores da cultura, revela a necessidade de atualização do desenho, tanto no que diz respeito ao processo do artesão quanto das formas tradicionais de produção e uso de técnicas.

Revolução Industrial

A Revolução Industrial foi um processo de mudança social, cultural e política, com o surgimento, previamente anunciado, de toda uma nova era – a modernidade. Formas de pensamento, conhecimento, crenças, valores, costumes, práticas sociais, ideologia, visões de mundo, modos de vida, política e principalmente o consumo, mudam a partir da Revolução Industrial, decorrendo na desvalorização do produto artesanal pela mecanização.

A organização dos ofícios teve seus efeitos perturbados por estas condições e o resultado foi a falência dos artesãos, que não conseguiam competir com as indústrias (CARDOSO, 2004). A produção artesanal preservava a liberdade do artesão por este possuir os meios de produção e pelo seu alto grau de satisfação e identificação com o produto. *O gosto artístico, a destreza, o cunho pessoal, que são virtudes cardeais na economia do artesanato, passam assim a plano secundário* (HOLANDA, 1995).

Artesão e Artesanato

Entendemos como artesão, aquele que faz, com as mãos, objetos utilitários imprimindo-lhes cunho pessoal, e o artesanato, como o produto, objeto ou artefato feito manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade técnica, qualidade e originalidade, e que tem como finalidade a sua comercialização.

A demanda por produtos artesanais que se diferem e se particularizam pela referência cultural é um fato recente perante a uniformização decorrente da industrialização e do processo de globalização. O produto artesanal passa a ocupar um espaço revelador de culturas materiais e imateriais. Não tem a pretensão de substituir o produto industrial, mas imprimir na sua produção aspectos particulares do humano, reveladores da sua origem, da diversidade cultural e do movimento do homem nos processos de transformação da cultura.

O produto artesanal depende do processo e da produção individual, sendo, portanto, uma forma direta de expressão do particular, da necessidade do indivíduo, conforme a sua percepção do mundo a partir da sua origem. *O artesanato é algo entre o belo e o útil* (PAZ,

1991). O artesão usa da sua técnica e matéria-prima local para materializar necessidades, costumes, sonhos, desejos e expressar cultura. Ele *se refere a sua dimensão imaterial, constituída pela escolha e coleta de materiais, técnicas e modos de produção, transmissão e perpetuação de saberes* (BORGES, 2008).

Design e valor cultural

O design é o oposto da criação arbitrária, sem objetivo ou de baixa complexidade. Ele elabora conceitos capazes de sintetizar idéias e valores, e traduzir necessidades, sejam econômicas, funcionais ou estéticas, em soluções projetuais. É uma atividade aliada à tecnologia e tendências, e caracteriza-se, até então, pelo foco na produção em série, o que deriva em produtos de menor custo para o consumidor, e que provoca certa uniformização funcional e estética para o consumo em massa.

Segundo Rocher (1971), um valor é algo que, numa determinada cultura, é considerado ideal ou desejável. Portanto, espera-se que o designer, associado ao artesão, seja capaz de identificar referências da cultura local e contribuir para a revitalização do produto artesanal, produzindo novos significados, revelando aspectos de valor cultural e garantindo a sua sustentabilidade na pós-modernidade.

Pós-modernidade

A Pós-modernidade inscreve-se como o conjunto de valores que norteiam a produção cultural. Entre estes, a multiplicidade, a fragmentação, a desreferencialização e a entropia que, com a aceitação de todos os estilos e estéticas, pretende a inclusão de todas as culturas como mercados consumidores. No modelo pós-industrial de produção, que privilegia serviços e informação sobre a produção material, a comunicação e a indústria cultural ganham papéis fundamentais na difusão de valores e idéias do novo sistema.

O pós-modernismo parece ser claramente favorável ao relativismo, tanto quanto ele é capaz de clareza alguma, e hostil à idéia de uma verdade única, exclusiva, objetiva, externa ou transcendente. Qualquer coisa que seja, é feita pelo significado conferido a ela.

Segundo considerações de Hall (2006), a Pós-modernidade é a condição sócio-cultural e estética do capitalismo contemporâneo. O uso do termo se tornou corrente, embora haja controvérsias quanto ao seu significado e pertinência. Tais controvérsias possivelmente resultem da dificuldade de se examinarem processos em curso com suficiente distanciamento e, principalmente, de se perceber com clareza seus limites ou sinais de ruptura.

Design, como meio para o artesão

Um dos primeiros pontos a serem observados é aonde se quer chegar: se essa união quer trazer conhecimento ao designer sobre novos processos, ou ao artesão sobre novas oportunidades. Essa questão define uma linha tênue entre o processo e a autonomia de ambos.

Em projetos de design para a indústria, podemos prever com precisão como determinados recursos técnicos e tecnológicos, e matérias-primas serão utilizadas e as suas características desejadas para atender à função do produto ou a um padrão formal. As técnicas

do artesão e as matérias-primas são recursos vivos com especificidades diferentes em cada objeto.

O produto artesanal traz consigo uma idéia de um objeto construído com um tempo que não pode ser digital ou virtual. Na sua concepção não existe processos de produção simultânea. Este produto traz consigo uma referência direta do artesão, que o particulariza e o identifica, que não pode ser substituído pela máquina e é dotado de técnicas e características peculiares do lugar de origem.

Como fazer então para que o artesão se aproprie da idéia do produto? Como garantir à produção artesanal os seus aspectos pertinentes e de valor cultural sem interferir diretamente no processo de criação do artesão, que garantem por si a retro-alimentação e, portanto, a sustentabilidade do processo de produção artesanal e do artesão? O designer deve educar, no amplo sentido da pedagogia onde o educador não sabe tudo, mas constroe o saber a partir das experiências, no sentido original do verbo *educare*, como *retirar de*. O designer, neste contexto, não atua diretamente no projeto do produto nem na sua confecção. Ele apoia em todo o seu processo, ajuda a estabelecer critérios, e a particularizar e diferenciar o seu produto.

Considerações finais

É preciso acreditar em uma forma de organização social, onde o valor do indivíduo predomine, onde a identidade se particularize na experiência do ser humano no movimento da cultura, e que o design seja capaz de unir a demanda da arte ao mercado. Neste contexto, o artesão como detentor da técnica e da experiência da cultura associada ao local de origem, une-se ao design para expandir a percepção, compartilhar conhecimentos e atualizar o desenho.

As singularidades têm proporcionado ascensão ao produto artesanal. Agora, a indústria, quase que ironicamente, busca usar destes artifícios como fator de incremento de venda e, neste sentido, o design parte em busca destas referências de materialidade, pertencimento e identidade. Inicia-se desta forma, uma grande discussão ética de como fazer esta ponte, pois não estamos falando de um aprendizado de uma nova tecnologia e sim, da assimilação de um saber associado a pessoas, história e lugares.

O que propomos é uma reflexão do papel do design neste contexto, considerando a expansão da idéia de design na pós-modernidade para uma visão antropológica. O design, além de responsável pelo projeto e solução de problemas, sejam eles formais ou funcionais, incorpora os processos do fazer humano na criação e execução de tarefas. O produto artesanal, por ser de responsabilidade do artesão, só terá uma produção sustentável se esta for apropriada pelo próprio artesão, em todo o seu processo produtivo. Da concepção ao acabamento final do produto. O produto deve fazer sentido para o artesão.

Cabe ao profissional de design desenvolver sensibilidade para perceber o artesão na totalidade da sua experiência cultural, original e individual. Conhecer todo o processo de produção artesanal, identificar valores técnicos e culturais do ambiente local e compartilhar conhecimentos e experiências individuais. Acreditamos na contribuição, intervenção responsável do profissional educador de design, unicamente por apoiar na tradução da cultura,

potencializar no uso da técnica particular do artesão na evolução e transformação da matéria-prima, e ativar os processos de criação e concepção de produtos artesanais “vivos” e impregnados de emoção e valor cultural.

Referências

BORGES, A. Exposição Encontros Design + Artesanato. In: **Acasa**, 2008 (<http://www.acasa.org.br/evento>)

CARDOSO, R. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2004.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995..

PAZ, O. Ver e usar: arte e artesanato, em: **Convergências: ensaios sobre arte e literatura**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1991.

ROCHER, G. **Sociologia Geral**. Lisboa: Editorial Presença, v. 5, 1971.